

OS PRINCIPAIS DISCÍPULOS DOS TRÊS GRANDES FILÓSOFOS

A FILOSOFIA MEDIEVAL

A Idade Média compreende mil anos de história (do séc. V ao XV). A ordem feudal, de natureza aristocrática, em cujo topo da pirâmide encontravam-se os nobres e o clero. A Igreja Católica consolidou-se como força espiritual e política. Em um mundo em que nem os nobres sabiam ler, os monges eram os únicos letrados, o que justifica a Iluminura medieval, a impregnação religiosa nos princípios morais, políticos e jurídicos da sociedade medieval. Como não poderia deixar de ser, a grande questão discutida pelos intelectuais da Idade Média era a relação entre razão e fé, entre filosofia e teologia. Destacaremos aqui duas tendências filosóficas: a patrística e a escolástica. • A patrística é a filosofia dos chamados Padres da Igreja, que teve início no período de decadência do Império Romano, quando o cristianismo se expandia, a partir do século II – portanto, ainda na Antiguidade. No esforço de converter os pagãos combater as heresias e justificar a fé, aqueles religiosos escreveram obras de apologética, para justificar o pensamento cristão.

PATRÍSTICA

Santo Agostinho sintetiza essa tendência com a expressão "Credo ut intelligam", que significa "Creio para que possa entender". Os Padres recorreram inicialmente à obra de Plotino (204-270), um neoplatônico. Adaptando o pensamento pagão, realizaram uma grande síntese com a doutrina cristã. O principal nome da patrística foi Agostinho (354-430), bispo de Hipona, cidade do norte da África. Agostinho retomou a dicotomia platônica do "mundo sensível e mundo das ideias", mas substituiu este último pelas ideias divinas. Segundo a teoria da iluminação, recebemos de Deus o conhecimento das verdades eternas: tal como o Sol, Deus ilumina a razão e torna possível o pensar correto. Na primeira metade do período medieval, conhecida como Alta Idade Média, foi enorme a influência dos Padres da Igreja.